

## FESTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO ATRAVÉS DA REVISTA “PROGRAMA DA FESTA”

### THE FEAST OF IMMACULATE CONCEPTION THROUGH THE MAGAZINE ‘PROGRAMA DA FESTA’

Ivanilce Silva dos SANTOS\*

**Resumo:** Este artigo pretende analisar a Festa de Nossa Senhora da Conceição, em Santarém-Pará, através de algumas edições da revista “Programa da Festa de Nossa Senhora da Conceição”, veículo publicado anualmente com o objetivo de oferecer informações sobre a organização e o cronograma da festa, além de conceder informações a respeito das ações da Igreja Católica. Através dessa ferramenta, ainda, buscarei examinar, além das manifestações culturais e religiosas, elementos materiais e simbólicos da Identidade Santarena, aspectos socioeconômicos que marcam a região do baixo Amazonas e o papel desempenhado pela Igreja nessa localidade.

**Palavras-chave:** Festa – Igreja – Revista.

**Abstract:** This article aims to analyze the Feast of the Immaculate Conception at Santarém, Pará State, through some issues of the magazine “Programa da Festa de Nossa Senhora da Conceição” [Program of the Feast of the Immaculate Conception], a media which is published annually in order to provide information about the feast organization, schedule and additionally providing information regarding the actions of the Catholic Church. Throughout this tool we shall examine beyond the cultural and religious manifestations, elements of material and symbolic identity ‘Santarena’, socio-economic aspects that mark the lower Amazon region and the role played by the church in this location.

**Keywords:** Feast – Church – Magazine.

#### *Festa e identidade: breve balanço historiográfico*

As discussões historiográficas sobre a festa reafirmam seu papel privilegiado na Cultura brasileira (entendida como um complexo conjunto de valores e símbolos compartilhados no espaço nacional) desde o período colonial. Os estudos a respeito desse tema consideram geralmente suas formas e funções, seus rituais, seu caráter espetacular, comercial ou alienador que suaviza as contradições sociais; outros a entendem como prática de cidadania ou interpretação de uma dada realidade, ou ainda como um fenômeno mediador entre a “utopia” e uma ação transformadora (AMARAL, 1998).

---

\* Mestre em História – Programa de Pós-Graduação em História – UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina, CEP: 88.035-001, Florianópolis, Santa Catarina – Brasil. E-mail: [ivanilce.santos@bol.com.br](mailto:ivanilce.santos@bol.com.br)

A partir da década de 1970 ocorreram transformações epistemológicas e metodológicas no saber histórico, alargando a possibilidades de fontes e objetos em uso pelos historiadores. Graças, também, aos avanços tecnológicos, tem-se, então, a utilização de fotografias, cinemas, revistas, jornais e outros materiais, permitindo, por exemplo, conhecer traços do cotidiano, dos costumes e das tradições de forma mais eficiente.

Observou-se por muito tempo que os estudos sobre a imprensa católica geralmente possuíam um caráter dual e incongruente, isto é, ora reafirmavam seu caráter conservador, ora progressista. Tais abordagens provavelmente são fruto das leituras e releituras do Concílio Vaticano II (1962-1965) e de Medellín (1968), os quais tinham como tese principal atualizar a Igreja para as demandas dos novos tempos (SILVEIRA, 2011). As revistas, ainda, são consideradas fontes históricas de caráter múltiplo, pois apresentam texto, imagem, técnica, visão de mundo e imaginários coletivos, sujeitas à tiragem, ao formato, ao tipo de papel, à propaganda, ao perfil de seus publicadores e do público alvo (MARTINS, 2003). Utilizar-se de revistas como fonte histórica nos permite fazer uma relação entre o geral e o particular, pois elas ajudam o conhecimento de um contexto mais amplo sobre um período ou uma questão, além de nos permitir conhecer os sujeitos que fazem a revista e os que são mostrados nela, através da observação das entrelinhas, dos vestígios e rastros, também dos seus pontos obscuros. Busquei analisar as fontes sem deslocá-las de seus contextos de produção, circulação, consumo e institucionalização. As imagens analisadas, em geral, desempenhavam caráter narrativo e alegórico. Aparentemente são dispostas estrategicamente nas reportagens das revistas com o intuito de torná-las representações de identidade religiosa vinculadas à Igreja Católica ou o papel de grupos políticos e econômicos do município de Santarém. Por conseguinte, estas fontes históricas me permitiram observar elementos idealizados de uma identidade cultural santarena, como, por exemplo, a de que ser santareno é ser alegre, devoto, religioso e católico, como nos mostram algumas manchetes de jornais santarenos: “Santareno se prepara para o Círio da Conceição” (JORNAL DE SANTARÉM, 1990), “Santareno já comemora o círio da Conceição”. (JORNAL DE SANTAREM,1995), “Santarenos vivem Círio da Conceição” (JORNAL DE SANTAREM, 1999), “O Círio da conceição é a maior expressão religiosa de Santarém” (JORNAL DE SANTARÉN, 1999), “Círio de Nossa Senhora da Conceição como expressão de fé do povo santareno” (GAZETA, 1998), “Que o Círio da Conceição

seja prenúncio de novos dias para os santarenos” (GAZETA, 1998), “Santarenos reverenciam sua padroeira” (GAZETA, 1995), “A festa acabou... mas a fé continua” (GAZETA, 1991). O Círio ainda é sinônimo de mesa farta, de família reunida ao redor do altar e na cidade há uma atmosfera de conagração. O povo participante das procissões é simbolicamente uma grande família, reunida em torno da mãe, da padroeira. Como se pode verificar nas reportagens “Abençoai, ò virgem imaculada todos os teus filhos santarenos” (GAZETA, 1991), “Justiça e paz se encontram na festa da conceição”, “Com a chegada da festa do círio de nossa senhora da conceição, aumenta consideravelmente a movimentação nas feiras livres”. A maior procura está em torno do pato no tucupi a mais tradicional iguaria do círio” (GAZETA, 1989). Os problemas e as dificuldades do cotidiano são por ora mascarados ou esquecidos, pois a população da cidade aparentemente não teme um colapso, embora a população se multiplique em ruas estreitas, esburacadas em meio ao calor nos dias de procissão. Ao ler os jornais de Santarém e principalmente as Revistas do Programa da Festa, verifiquei que os mesmos indicavam o caminho do que se pretendia “ser santareno”, cujo elemento aglutinador dessa “santarenidade” era a “catolicidade”, isto é, seguir os preceitos e a liturgia da Igreja Católica. Aparentemente este era um critério de inserção social na cidade na medida em que diferentes grupos sociais utilizam do espaço da festa para divulgarem suas pretensões, sejam elas políticas, religiosas ou sociais.

Os tipos sociais mais comuns são os políticos, geralmente membros da elite local, clérigos e estivadores, todos merecedores de crédito e prestígio – isto confirma e colabora com a tendência que perdurou por muito tempo nas interpretações sobre festas, que a viam como um espaço, um local de mistura, de encontro, de comunhão de diferentes etnias e classes sociais. Procurei identificar e observar através da análise da revista como a festa apresenta valores, símbolos e elementos que levam as pessoas a se sentirem parte de um grupo. Da mesma maneira que o futebol, o samba, o carnaval, entre outras manifestações culturais se constituíram, com o tempo, referenciais da nacionalidade brasileira. A imagem da santa, o arraial, as procissões, o Círio constituem-se aspectos e expressões relevantes de culturas regionais, compreendendo *a priori* que estes costumes e hábitos são influenciados pela época e pelo espaço geográfico e estão diretamente relacionadas a determinados contextos sociais. Há nas fontes uma aproximação entre a festa e os traços que definiriam a nação, a cidade e sua gente. Essa associação pode ser notada no trecho a seguir:

Brasileiro, desde o berço  
Sempre, amou, de coração  
A divina padroeira  
Virgem-mãe da Conceição  
Santarenos, vinde, alegres  
Com fervor, com devoção  
Exaltemos, celebremos  
Nossa mãe da Conceição  
[...]  
Ó virgem-mãe de Santarém  
Meu coração que te quer bem,  
Te pede agora,  
Nossa Senhora,  
Defende e guarda Santarém!  
[...]  
Conservemos, santarenos,  
Esta fé, este brasão  
Sempre amarmos e servimos  
Nossa Mãe da Conceição  
(REVISTA DO PROGRAMA DA FESTA, 1999).

Historicamente, o Brasil tem sido identificado como um país hegemonicamente católico (como visto na primeira estrofe), mesmo que seja caracterizado por intenso processo de sincretismo religioso, resultante do encontro das culturas indígenas e africanas. Entretanto, constatou-se no ultimo censo o crescimento da religião evangélica e a redução do número de católicos, tendência registrada desde o início do século XX, mas acelerada desde o Censo de 2000. Segundo dados do IBGE, em 1970 havia 91,8% de brasileiros católicos; em 2010 essa fatia passou para 64,6%. Quem mais cresce são os evangélicos, os quais nas ultimas quatro décadas saltaram de 5,2% da população para 22,2%. Em Santarém os números também refletem esse processo de uma população estimada de cerca de 294.580 habitantes. Os dados revelam que 25,43% são evangélicos, 68,16% são Católicos Apostólicos Romanos, 0,12% são Espirita, 0,03% seguem a Umbanda e o Candomblé, 0,01% as tradições indígenas, 3,86% sem religião, 0,12% são ateus e 2,27% seguem outras crenças. Ainda segundo os dados, a Região Norte foi a que teve maior diminuição no número de católicos. O que nos chama atenção não é necessariamente o crescimento do numero de evangélicos, mas a mobilidade religiosa que vem ocorrendo, pois o número de pessoas que se dizem espírita e de outras religiões também está em crescimento, denotando um número crescente de pessoas experimentando outras formas de expressão religiosa, o que contribui para mudanças no processo de construção de identidade religiosa, pois,

conforme esse processo avança, a identidade religiosa, outrora bem definida e estável, tornou-se fragmentada, variável e, por vezes, contraditória, contando com a importante contribuição da mídia – especialmente a televisiva –, a qual permitiu o acesso mais rápido e mais fácil a diferentes vivências religiosas e propiciou inúmeras mudanças nas práticas religiosas do sujeito pós-moderno.

A pós-modernidade é marcada por um processo de desenraizamento do sujeito, pois cada vez mais ele passa a viver longe de suas origens, contribuindo para fomento de um processo de intenso intercâmbio de elementos culturais. Isto acarreta, gradualmente, um distanciamento de valores culturais e de vínculos de pertencimento social. É neste cenário descrito por diversos teóricos como fragmentado e incerto que se inscreve o conceito de comunidades imaginadas. Evocando sobre si relações de proximidade, de estreitamento de laços e de formas de pertencimento, isto nos leva a pensar que a constituição de identidades busca um vínculo social promotor da sensação de pertencimento a determinado grupo, através de referências estéticas, paisagísticas, culinárias, ritualísticas etc. Os debates sobre a construção de identidades culturais provocados pela globalização e a emergência da pós-modernidade tem ganhado destaque em diferentes campos de conhecimentos. Os debates giram em torno da chamada “crise de identidade”, e se discute como no mundo globalizado tem se desenvolvido identidades fragmentadas resultantes da busca de vínculos sociais que promovam sentimento de “pertencimento” a diferentes grupos linguísticos, étnicos, de gênero, religiosos e outros (HALL, 2006), pois na pós-modernidade o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Neste processo, nossas identidades culturais, sociais, profissionais, religiosas, políticas, sexuais passam por um contínuo processo de transformação, gravitando entre o duradouro e o efêmero, o que de certa forma acarreta incertezas, angústias e desestabilização (HALL, 2006).

Para Hobsbawm (1995), nas atuais circunstâncias, “homens e mulheres procuram por grupos a que possam pertencer com certeza e pra sempre, num mundo em que tudo se move e se desloca, em que nada é certo”. Nesta perspectiva, pensar em identidade cultural exige compreender que vivenciamos um tempo de mudança, onde o moderno pode coabitar com o tradicional, arcaico; ou seja, tempo em que não há uma anulação de uma modalidade antiga para a substituição de outra, e, sim, uma realidade a qual permite que diferentes temporalidades ocupem o mesmo espaço e possam ser

vivenciadas concomitantemente pelos sujeitos sociais, ocorrendo uma espécie de redefinição e readaptação. Esta constante troca entre moderno, arcaico, erudito, popular ou massivo gera hibridações culturais (CANCLINI, 2008). Por isso, mesmo com a concepção de um significado partilhado nas comunidades imaginadas, não há como compreender esta vivência de forma essencializada, onde uma época sucede a outra. Canclini aponta para o fato de que, a partir do final da década de 1960 e início de 1970, a América Latina vivência estas contradições geradas por uma modernização acelerada que contribuiu para o esvaziamento do projeto moderno de Nação, para a acelerada urbanização e uma crescente migração do campo para as cidades. Neste contexto social, as identidades nacionais e regionais, por exemplo, necessitam abarcar sobre suas comunidades imaginadas várias identidades culturais em diversas configurações de tempo e de espaço (HALL, 1996; ANDERSON, 2008).

Esse processo de mudança experimentado pelo mundo contemporâneo alterou as referências culturais, políticas e religiosas. Para Stuart Hall (1996), o sujeito, nesses tempos de pós-modernidade, não possui mais uma identidade fixa, passando a experimentar, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, contínuos deslocamentos identitários, marcados pelas diversas transformações ocorridas ao longo do tempo no que tange ao sentimento de pertencimento a determinada cultura étnica, linguística, religiosa ou nacional. A princípio, o conceito de identidade estava relacionado única e exclusivamente ao indivíduo, sendo, por isso mesmo, imutável, desde o nascimento até a morte. Com o passar do tempo, a identidade passou a ser compreendida pela aglutinação das características do indivíduo e do mundo cultural que ele habita, tornando-os unificados e previsíveis. Em linhas gerais, a construção das identidades vale-se de matérias-primas fornecidas pela História, Geografia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva, por fantasias pessoais ou religiosas. Todo esse material é processado pelo indivíduo, grupos sociais ou pela sociedade, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço. Com isto, a concepção de identidade tornou-se mais flexível, formada e transformada continuamente de acordo com os sistemas culturais que rodeiam o sujeito, o qual assume diferentes identidades nos diferentes momentos da relação com os outros. Enfim, a grande problemática que surge entre os eixos identidade e globalização perpassa por como conviver com os outros, como

encarar a heterogeneidade e a diferença em um tempo marcado pela uniformização de culturas, cidades e mercados, além da acelerada circulação de mercadorias e capitais.

Os dados aqui aferidos nos ajudarão a compreender como a Festa de Nossa Senhora da Conceição é utilizada como um instrumento político pelas elites locais e pela Igreja pra promover a identidade santarena, cujo vínculo principal seria o catolicismo e seus valores. As práticas sociais observadas nas fontes geralmente foram entendidas dentro de um campo de forças, em que cada indivíduo ou grupo se posiciona colaborando para a construção de identidades dominantes, para a exclusão de minorias, para a visibilidade de pessoas ou de instituições, para a legitimação de aspirações sociais, para a manutenção de status e privilégios etc. A narrativa dominante sobre a Festa é a apresentada pela Igreja, com o apoio dos grupos sociais que a sustentam.

As festas de Santo Padroeiro no Brasil são herança da colonização europeia e muitas são referências identitárias de indivíduos e de comunidades e revelam uma série de manifestações culturais, de representações coletivas, de conjuntos de crenças e de visões de mundo. Na maioria dos principais municípios do estado do Pará há sempre uma quinzena de festas a determinado santo padroeiro, e em alguns municípios há mais de um círio. Isto possivelmente confirma a forte influência que a Igreja possui na região, embora as estatísticas apontem a perda de fiéis. Os Círios tem sido ultimamente uma significativa estratégia política adotada pela Igreja e pelas elites locais para se aproximarem do público, pois fazem uso de manifestações culturais populares, mídias e discursos que conectem o indivíduo a um determinado grupo a fim de promover a sensação de pertença. Em Belém, por exemplo, capital do Estado, o Círio conta, segundo dados da Igreja local, com participação de dois milhões de fiéis vindos do interior e de outros estados da federação, e tornou-se recentemente (em 2004) Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial, em virtude de ser considerado uma manifestação cultural que valoriza e expressa identidade regional. O Estado realiza há mais de 300 anos, na cidade de Vigia, o Círio em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré, considerado um dos mais antigos existentes no Brasil. Há alguns de tradição mais recente, como o de Itupiranga, da década de 2000, ou de Tucuruí, da década de 1990.

A princípio é possível supor que a “dimensão festiva” da capital é redimensionada pela Igreja e as elites locais para o interior do estado com o objetivo de (re)afirmar o vínculo identitário do paraense. Isto corrobora com a ideia do antropólogo

paraense Isidoro Alves de que ocorre no Pará um “Ciclo de Círios”. Os círios ou festas de santo padroeiro que ocorrem pelo interior do Estado do Pará projetam e potencializam algumas singularidades das cidades, mas também assimilam alguns elementos da festa de N. Sra. de Nazaré em Belém. Vemos, por exemplo, em Soure, um grupo de homens montado em cavalos e búfalos que faz o cortejo da imagem. Em Paragominas, o ponto alto da festividade é a cavalgada. Semelhantemente à Belém, os fiéis de Icoaraci e Santarém podem seguir a procissão na corda. Isto nos leva a considerar que as inúmeras festas que ocorrem no Pará são usadas como vetor de identidade regional. As elites locais, juntamente com a Igreja, tem buscado um vínculo social, algo que estimule e crie laços de solidariedade; no entanto, isso promove o apagamento de outros cultos, como os de origens africanas e protestantismo muito comum nesta região. Inclusive, a Igreja Assembleia de Deus, a que mais cresce atualmente, surgiu inicialmente em Belém. Resta, então, a nós, pesquisadores, problematizar a forma que são produzidos os discursos identitários em Santarém, a sua aceitabilidade pela maioria da população e o porquê de sua produção. Para tanto, utilizei também as reportagens encontradas nos jornais “A Gazeta” e “Jornal de Santarém”, os quais são publicações semanais. Este segundo abrange a região conhecida como Baixo Amazonas, que corresponde aos municípios de Óbidos, Itaituba, Juruti, Almeirim e Monte Alegre, e é posto em circulação também nas cidades de Manaus, Belterra, Oriximiná, Prainha, Juruti, Rurópolis, Macapá e Aveiro. Os dois jornais costumam fazer uma ampla cobertura da Festa de Nossa Senhora da Conceição e são favoráveis à festividade. Há reportagens diversas, resgatando as origens da festa, outras narrando os eventos principais; há espaços destinados a homenagens à santa, prestados por empresas locais e instituições públicas; nos cadernos culturais destacam-se aspectos folclóricos da festividade entre outros.

Verificou-se que sobre a Festa de Nossa Senhora da Conceição não foram produzidos trabalhos científicos. Há, sim, alguns trabalhos de memorialistas locais, os quais, baseados nas buscas em documentos antigos, ou recorrendo às suas lembranças pessoais do passado, resgataram escassos registros a partir dos quais foi possível compor um pouco do que se conhece como a história da Festa da Padroeira nesse município, fornecendo dados sobre a origem da festividade, como a obra “Tupaiulândia” (1974), de autoria de Paulo Rodrigues dos Santos, a qual versa sobre a fundação do município e o início da devoção à Nossa senhora da Conceição; a



Coletânea denominada “Meu Baú Mocarongo”, de Wilson Fonseca, obra que traz reflexões sobre a cultura, a música, a tradição local e um breve capítulo dedicado à festa propriamente dita. Há, ainda, os materiais publicados nos Programas da Festa de Nossa da Conceição (João Santos, 1984), Wilson Fonseca (1990), Emir Bermeguy (1989) e outros. Nessas obras, observou-se um caráter descritivo dos eventos em si, já que poucas vezes os trabalhos apresentam a preocupação com o registro dos contextos sociais e econômicos em que ocorrem os eventos. Os textos são excessivamente preocupados em buscar o que se considera “original”, o “tradicional”, de forma que fogem aos observadores não apenas os processos transformativos, mas as razões que os impulsionam.

Neste artigo, pretende-se realizar conexões entre o fato histórico “e o fervilhar de emoções, de ideias, de risadas, de gozo, de lágrimas, de vozes, de ingenuidades, de arrebatamento” expressos nos festejos, pois, como pensado por Michel de Certeau (2009), é indevido pensar os movimentos de vida como comportamentos absolutamente uniformizados e impostos, pois cometeríamos o equívoco de ignorar a característica criadora e criativa das pessoas que se escondem em enredos sutis e silenciosos, pelos quais cada um cria para si uma interpretação própria da fé, da devoção e do viver. Para amparar esta interpretação buscarei considerar a análise de Roger Chartier:

[...] é o caso de flexibilizar os moldes rígidos da estrutura pelos caminhos de uma história cultural da sociedade. Em outros termos, as ações individuais e conscientes são pensadas como campo de negociação entre vontades particulares e constrangimentos sociais, entre a tradição e a inovação. O objeto da história cultural residiria, pois na tensão entre capacidades inventivas e restrições ou convenções que determinam o que é “possível pensar, enunciar e fazer” (CHARTIER, 2002, p. 91).

Deste modo, a Festa pode ser entendida como um lugar de “subversão”, de transgressão à normatização disciplinadora do poder. A análise da Festa oferece acesso às experiências cotidianas de segmentos da população por longo tempo silenciados e põe em relevo a contradição entre o sagrado e o profano.

O Círio de Santarém representa esse conflito, pois as autoridades eclesiásticas, ao pensarem na realização do primeiro Círio, registrado em 19 de novembro de 1919, objetivaram revitalizar a influência da Igreja na região. Porém, a população, ao longo dos anos, tem reinventado diversos significados para tal festividade, dando-lhe um

caráter próprio e espetacular ao criar, reafirmar e absorver valores, tradições e costumes regionais. Para recriar esse universo de significações farei uso do Programa da Festa de Nossa Senhora da Conceição, editada no mesmo formato desde 1972; anteriormente a Igreja divulgava a festa através de folhetos mimeografados. As primeiras edições eram produzidas em Belém. É uma publicação anual colocada à venda no mês anterior ao Círio nas paróquias pertencentes à diocese, a partir de sua apresentação em uma missa na Catedral alguns volumes são distribuídas nas escolas e em determinados espaços públicos. Os colaboradores são jornalistas, advogados, sacerdotes, historiadores, memorialistas, músicos e outros. A edição mantém geralmente um tom hierárquico, considerando fatos mais importantes ou não, jornalístico, apresentando e interpretando fatos principalmente da História local, como o momento da fundação de Santarém enfatizando que a mesma fora consagrada desde o início à Nossa Senhora da Conceição.<sup>1</sup>

#### *A Festa de Nossa Senhora da Conceição em Santarém: origem e organização*

Segundo o memorialista Paulo Rodrigues dos Santos, em sua obra “Tupaiulândia” (1974), a Festa da Conceição “teve suas origens na devoção à N. Senhora da Conceição, quando o missionário jesuíta, João Felipe Bettendorf, tornou-a como padroeira da missão fundando a Aldeia dos Tapajós, na segunda metade do século XVII”.

O padre Bettendorf, em suas “Crônicas dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão”, narrou essa experiência:

Tratei de fazer a igreja e casas de taipa de mão, indo eu mesmo acompanhar os índios que iam cortar a madeira e padecendo muito boas fomes, no entretanto por estar novato; posta a madeira em a aldeia, na lavrou o companheiro João Correa com os índios, e como acudia muita gente assim de índios como de índias, dentro de três para quatro dias ficou toda a obra feita e coberta. Fiz então em retábulo de Morutim, pintando ao meio Nossa Senhora da Conceição pisando em um globo a cabeça de serpente, enroscada ao redor dele, com Santo Ignácio à banda direita e S. Francisco à esquerda. A noite antecedente da festa em que se havia por o altar, houve uns trovões, relâmpagos e coriscos, tão terríveis que todos os índios saíram para fora das casas e parecia que se ia acabando o mundo. Disseram depois que tinham visto em o Céu uma mão com um lenço branco que ia limpando o sangue derramado pelo Céu; em dia seguinte lhes fiz uma prática sobre a Conceição da Imaculada Virgem Senhora Nossa, e disse que

este sinal foi alguma cousa, foi prognóstico de um grande castigo que a Senhora havia de remediar (BETTENDORF, 1990, p. 169-170).

Este escritor, nesta mesma obra, nos chama atenção para o fato de que “a homenagem à Padroeira de Santarém confunde-se com a própria história da cidade”, pois, segundo ele, o padre Bettendorf, ao fundar a Missão religiosa na aldeia dos tapajós, a qual deu origem à cidade, também a consagrou à Virgem da Conceição.

Ainda segundo este Historiador, a Festividade da Padroeira de Santarém só tomou a forma do modelo atual com a Transladação e o Círio, em 1919,<sup>2</sup> pois anteriormente o que se tinha era o Chamado “Círio da Bandeira” com o levantamento do mastro.

Nem sempre as festas da padroeira, senhora da Conceição, começaram pelo Círio, ou antes, pela Trasladação da Véspera”. Durante anos a festividade principal da terra constava somente de novenas, iniciadas impreterivelmente a 28 de novembro, mesmo que fosse dia útil, e iam até 06 de dezembro, depois, às vésperas, a 07, e finalmente, o dia da Festa, 08 de Dezembro que fechava com a grande Procissão. Ninguém pensava em Círio. Nos primeiros tempos da República, surgia uma romaria a que chamavam “Círio da Bandeira” com a efígie da Santa, alguns estandartes, confrarias, povo e banda musical que percorriam as principais ruas, recolhendo-se a matriz. Era o sinal de que na noite seguinte teria o começo o novenário. Esses “Círios da Bandeira” saíam da capela de São Sebastião, e em 1896, como a Igreja estivesse em concertos, saiu da Casa da Câmara (SANTOS, 1974).

Santos (1974) privilegiou as origens desta festividade e de que forma se realizava a festa, na medida em que esclarece que a Festa tinha início com o levantamento do mastro, onde era içada a bandeira estampada pela efígie da Santa. Ainda segundo ele, esta festividade tinha duração de oito dias: a parte religiosa era constituída, além de novenas e ladainhas expressas em latim, pela realização de sacramentos como Batismos, Matrimônios e outros. O encerramento se dava com a derrubada do mastro no dia 8 de dezembro.

Em linhas gerais, o Círio de Nossa Senhora da Conceição tem sua gênese explicada de forma distinta do Círio de Nossa Senhora da Conceição e de outros cultos à Maria, no sentido de que não se originou em um “achado” construído em uma narrativa mítica, isto é baseado em um mito ou lenda, como as primeiras manifestações de devoção à Padroeira de Belém. São ainda constantes na Revista do Programa da Festa artigos que fazem referências a este acontecimento numa tentativa de se inserir à Festa na longa duração e, portanto, legitimá-la como algo inerente à população local,

embora nestes artigos não haja nenhuma referência ao fato de que a devoção à Nossa Senhora da Conceição não surgiu de uma vontade popular, mas de uma iniciativa pessoal de um sacerdote.

O historiador João Santos, por sua vez, colaborou em alguns artigos para a Revista do Programa da Festa, com dados referentes à preocupação de se organizar a festa, ainda em 1844, através do Estatuto da Confraria de N. Sra. da Conceição, que estipulava, por exemplo, a composição administrativa da festa constituída de “um juiz, uma juíza, vinte mordomos e dez mordomas”.

O conjunto de eventos ou as sequências rituais (ALVES, 1980) que ocorrem na Festa de Nossa Senhora da Conceição são basicamente a procissão da Trasladação, Procissão do Círio, Novenários e romarias nas paróquias, a Caminhada de fé com Maria, as duas semanas de Arraial e a procissão de encerramento. A organização desta cadeia de eventos está a cargo de uma Diretoria, geralmente fixa, e composta por um número de até 15 membros, os quais se dividem em funções administrativas e comissões. Fazem parte das primeiras funções: Coordenador administrativo, sempre o vigário da paróquia, dois vice-coordenadores, um tesoureiro e uma secretária. Todos os membros da diretoria dividem-se em comissões e subcomissões que são geralmente as seguintes: de eventos, do arraial, da liturgia, da barraca da santa, da preparação da berlinda e catedral, de arrecadação das ofertas, de organização e venda de programa da festa, de vendas e construção das barracas do arraial, da organização do leilão de gado e da transmissão radiofônica. A festa ainda recebe apoio do poder público e de irmandades vinculadas ao bispado de Santarém. Segue um Calendário estável, seus elementos apresentam-se de forma cíclica, tornando-se possível prever os eventos rituais.

Apesar de decorridos mais de 90 anos de Festa, desde que oficialmente instaurou-se em 1919, a cronologia da festa, assim como de suas três principais procissões, basicamente não se modificou. O início da festividade é marcado por uma data móvel, o último sábado do mês de novembro, quando é realizada a procissão da Trasladação, que conduz a berlinda caprichosamente adornada com a Imagem da Santa, da Igreja da Matriz para a Praça Barão de Santarém, onde está localizada a Igreja de São Sebastião, de onde, na manhã seguinte, sai a procissão do Círio. Daí em diante, seguem duas semanas aproximadamente de programações litúrgicas pela manhã e à noite, pelas quais as comunidades da Diocese e as Escolas tradicionais do Município

responsabilizam-se por uma celebração. Nas noites, além dos atos litúrgicos, acontece o Arraial, durante duas semanas, e encontram-se em funcionamento bares, barracas com venda de comidas tradicionais da região, parques de diversão, apresentação de teatro, de cantores regionais e religiosos e um movimento constante de pessoas circulando pelas proximidades da Catedral, ou próximo à orla, constituindo o espaço ritual.

Estende-se a festa até o dia 8 de dezembro, portanto, uma data fixa, o Dia da Padroeira, quando é encerrada com uma procissão, uma missa, além da tradicional queima de fogos ao tocar do sino da Matriz à meia-noite deste dia.

### *A Revista da Festa*

A revista reforça e valoriza a própria imagem, seu papel de testemunha, mediadora, organizadora e intérprete da história que apresenta ao seu público. Destaca as dificuldades orçamentárias enfrentadas para publicar a revista, além do trabalho árduo da equipe organizadora na primeira.<sup>3</sup> O recorte temporal é bem longo; não se restringe a narrar o que ocorreu no período de um ano, mas aborda séculos.<sup>4</sup> A capa é o elemento mais valorizado, do ponto de vista da forma e das cores, e sob esse aspecto observa-se nas edições de 1979 e de 1984 destaque para as frases-título de três artigos. É colocado na parte superior o nome da publicação e dado destaque à imagem da Santa em cerca de 50% do espaço.



Figura 1: Capa do Programa da festa  
Fonte: Programa da festa de Nossa Senhora da Conceição, 1979.



Figura 2: Capa do Programa da festa  
Fonte: Programa da festa de Nossa Senhora da Conceição, 1984.

O tratamento formal privilegiado comunica aos leitores que a frase-título contém o conteúdo mais importante da edição. Um grande título sobre a foto da Santa informa um investimento na estratégia emocional amenizada pela colocação padronizada dos outros elementos. Dentre as edições analisadas,<sup>5</sup> observou-se a utilização desse recurso gráfico e alguns outros mais elaborados, nos quais a imagem da Santa padroeira é associada às imagens de pontos turísticos e históricos da cidade, colocada de tal forma que, aparentemente, a Santa observa a cidade, ou está sobre ela.<sup>6</sup>

O conteúdo é apresentado de forma narrativa e busca-se descrever a história, determinar seus participantes e o papel que representam na história do município e da igreja local. Narram-se as histórias de vida dos Bispos falecidos, de membros de congregações eclesiais, de filhos ilustres da cidade como: poetas, historiadores, músicos e políticos.

#### *A Festa na Revista*

Observou-se que na Revista não há seções fixas, salvo a que consta a programação da festa. Nesta, além da agenda dos atos litúrgicos e das leituras

devocionais indicadas, notamos uma tentativa de normatização e disciplinarização da festa pela Igreja, pois esta aconselha os moradores das ruas, onde o Círio vai percorrer, que mantenham seus bares fechados durante a passagem da procissão; sugere que os moradores desses logradouros ornamentem suas ruas com bandeiras, balões e faixas de saudação à santa; pede que os mesmos façam a limpeza das ruas após a passagem dos devotos e que cedam água aos caminhantes.

Sugere, também, que os devotos fiquem sincronizados na rádio que transmite o Círio ao vivo para que possam estar inteiramente em espírito devocional. Consta na revista de 1985, por exemplo, que a missa do dia 1º de dezembro às 18 horas teria como assunto da pregação: “Cuidado para que a Consciência de vocês não fique entorpecida com festanças, bebedeiras e preocupações da vida, para que aquele dia não os apanhe de surpresa” (REVISTA..., 1985, p.19). Na revista de 1984, vemos:

1º) Comissão Coordenadora dos festejos pede à população católica santarena que acompanhe o Círio, que carreguem consigo durante o trajeto da procissão seus rádios pequenos à pilha, sintonizados nas rádios transmissoras do círio, a fim de dar à procissão o fervor da própria fé, não só ouvindo as orações dadas e comentários feitos, mas também formando uma unidade na oração e nos cantos...

2º) Pede também aos que ficam em casa que ponham em suas janelas seus rádios portáteis com a mesma finalidade. Ao mesmo tempo, pede que colaborem com a limpeza das ruas por onde o círio passará. Se possível, que puxiruns comunitários os levassem ornamentar as ruas, de maneira simples, mas carinhosa.

3º) Pede aos donos de bares e botequins por onde o Círio passará, que por respeito ao ato religioso evitem funcionar na manhã desse dia.

4º) Pede também a todas as famílias, que na medida do possível, previnam-se com um pouco mais de água fria para oferecer a tantos romeiros que necessitem. (REVISTA..., 1984, p. 16)

É bastante comum a Igreja pedir moderação no consumo de bebidas alcoólicas nessas festividades. Entretanto, na edição de 2003, observamos uma contradição entre o discurso pastoral e o lucro advindo com a venda desse tipo de bebida, pois a diocese divulgou o balanço geral, e nele consta uma renda do bar no valor de R\$ 51.891,00; abatendo as despesas, que foram no valor de R\$ 34.219,99, a Igreja ainda obtém lucro sem contar com a doação dada pelas empresas de bebida no valor superior a R\$ 6.000,00.

*A cidade de Santarém na Revista da Festa*

Como as edições estudadas são em maioria das décadas de 1970 e 1980, período em que o governo federal buscou integrar a Amazônia ao desenvolvimento nacional através dos megaprojetos como a SUDAM (Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia), Construção da Transamazônica e da BR 163, podemos observar diferentes crônicas que temem o “progresso”, pois alegam uma perda das tradições locais e das belezas naturais amazônicas, refletindo a visão edênica, que por muito tempo predominou nas análises sobre a Amazônia. Apontam, também, o caráter contraditório do progresso e da modernidade, pois ao mesmo tempo em que destroem e constroem, criam e recriam, transformando as paisagens naturais com o objetivo de torná-las mais dinâmicas.

O progresso foi chegando...  
Eu nem sei direito quando  
A tristeza aconteceu.  
CAIS DO PORTO, essa esperança.  
Dos meus tempos de criança,  
Hoje é sonho que viveu.  
Mas enquanto se trabalha  
O reverso da medalha  
Amargura uma cidade  
Nossa praia acolhedora  
“VERA PAZ” encantadora  
Lá se foi, virou saudade.  
Nem serestas, nem luares...  
Violão se tu chorares,  
Também choro, não resisto...  
Modernices são bem vindas,  
Mas destroem coisas lindas.  
(REVISTA..., 1975, p. 20-21).

Outras entendem ser algo inevitável e avassalador, e que tudo que é antigo é tido como passível de ser destruído por ser retrógrado. As transformações sofridas pela cidade são percebidas tanto nas crônicas quanto nas fotografias.

O nosso venerável “Castelo” acabou mesmo virando poeira e saudade... Seu espaço agasalhará, em breve, aquilo que Artur da Távola chama “um outro edifício idiota, desses modernos monstros



urbanos feitos para apertar pessoas, ideias e esperanças”. Demoliram também recentemente, o que restava da antiga loja “A Primavera”, o que me traz a memória os versos do Padre Manuel Albuquerque, hoje superados pelo progresso:

A Matriz... “O Castelo”... “A Primavera”...

“Santa Clara”... E essa festa que se espera,

A festa popular da Conceição...

É esta a Santarém da minha infância,

E quando, ao longe, aspiro esta fragrância,

Pelos olhos me escorre o coração!

...Com as devidas exceções, a borboleteante alma brasileira nunca se agarrou demais aos valores do passado. Falta-lhe aquele amadurecimento precioso que convence os indivíduos e as comunidades a conservarem insubstituíveis tesouros culturais. (REVISTA..., 1982, p. 18-19).

A análise das publicidades da revista nos revela práticas de consumo, usos e costumes bem comuns da região, como a propaganda de lojas de tecidos e aviamentos, denotando o hábito de se comprar tecidos e fazer uso do talento de costureiras da região, as quais obtêm um acréscimo significativo em sua renda na época da festividade, pois é tradição apresentar-se na última noite com uma roupa nova. Nos anos 1990 e 2000, entretanto, o que se observou foi o surgimento de microempresas que confeccionam camisas e bonés para os fiéis utilizarem na Caminhada de fé com Maria e nas procissões. A organização da festa, por exemplo, põe à venda Kits completos e oficiais de camisas e bonés. A propaganda de lojas de móveis de madeiras típicas da Amazônia e de Indústrias Madeireira também é comum nas décadas de 1970 e 1980, mas dos anos 1990 em diante não se observa mais publicidade dessa natureza. Imagina-se que isto se deve ao fato das leis proibitivas de consumo de madeira de lei e ao avanço das fábricas de móveis modulares, e ao avanço das campanhas contra o desmatamento. A publicidade de produtos típicos da região, como pimenta-do-reino, malva, juta e artigos de pesca, é frequente. Os estabelecimentos em destaque são geralmente situados estrategicamente na Avenida Tapajós, em frente ao Rio e ao Cais do porto, recebendo diariamente milhares de pessoas.

Uma propaganda bem emblemática é a de uma empresa produtora de combustíveis denominada Petróleo Sabbá S/A, que, na edição de 1975, utiliza um espaço inteiro de uma página relatando a necessidade do petróleo para a manutenção do desenvolvimento e do temor e especulação que se tinha sobre o esgotamento dos poços. Como frase-título “HÁ DITADORES QUE SE ETERNIZAM NO PODER”, percebemos referência ao momento político vivido pelo Brasil e a concepção de

perenidade desse processo com o apoio das multidões entusiasmadas pela manutenção da ordem, embora em algum momento possa sofrer resistência; no parágrafo abaixo da frase-título, temos:

[...] é com entusiástico apoio do mundo inteiro. O PETRÓLEO é um desses soberanos prediletos das multidões. Quando se ensaiam umas tímidas tentativas para destroná-lo e substituí-lo, novas reservas são descobertas. A humanidade continuará petrolizada por muito tempo ainda (REVISTA..., 1975).

A Imagem de Nossa Senhora da Conceição também é sobrevalorizada, seja nas crônicas, nos hinos, nas orações, nos poemas ou nas fotografias. Observa-se que na maioria das crônicas se destaca o aspecto dogmático da devoção a Maria, sua abnegação, sujeição, humildade, pobreza, pureza e virgindade. Nas orações são priorizados a santidade, o amor, a devoção, a fé e a confiança na imagem. Nas diversas fotografias percebemos sua realeza, pois geralmente são adornadas com seda pura, pedras preciosas geralmente no rosário, cabelos naturais e bem tratados doados por alguma devota. Sua coroa, tecido do manto e joias caras são contrastados com os pés, que estão calçados em uma simples sandálias, fazendo referência ao caminho da humanidade que se encontra descoberta ou despida das coisas sagradas e celestiais e enfatiza a humildade da Virgem.

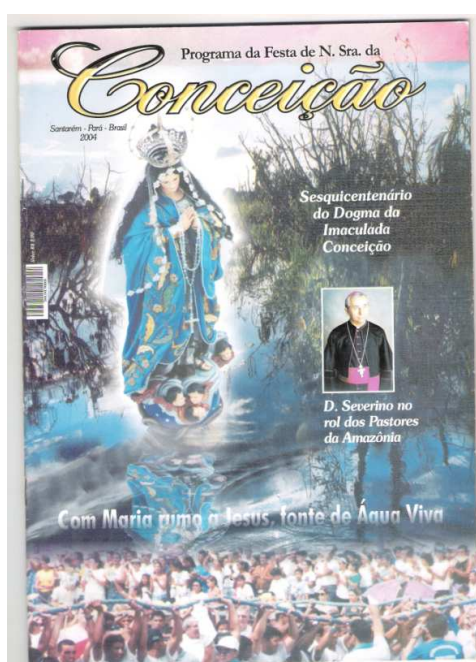


Figura 3: Capa do Programa da festa  
Fonte: Programa da festa de Nossa Senhora da Conceição, 2004.

A confecção do manto e do Rosário é disputada pelas famílias ilustres que preteiam patrocinar a confecção, nos mais variados Estados do Brasil, como São Paulo, Ceará e Rio de Janeiro, ou ainda na Europa, como o fabricado em Paris, em 1922, que ocasionou uma marcha de senhoras ilustres à matriz para observarem a peça fabricada na sede mundial da elegância e civilidade da época (REVISTA..., 1989, p, 9). Nas últimas duas décadas, entretanto, observou-se a valorização da paisagem e do artesanato locais, além da referência a demandas políticas locais como o do último ano (2011), que trouxe imagens de Santarém e de Belém fazendo menção ao Plebiscito sobre a divisão do Estado do Pará.



Figura 4: Manto da Imagem de Nossa Senhora da Conceição  
Fonte: <<http://notapajos.globo.com/lernoticias.asp?id=45456>>

### *Tensões entre sagrado e profano*

Na edição do ano de 1979, há duas crônicas denotando preocupação da Igreja com os rumos que o Arraial estava tomando. Na crônica de Frei Edilberto Sena, denominada “Aonde vai a Igreja de Santarém?”, o autor argumenta que a Assembleia do Povo de Deus (reunião dos membros da prelazia), realizada em 1977, delimitou algumas diretrizes e dentre elas chamou atenção a de número 13, defendendo que a igreja deve respeitar a religiosidade popular e apoiar toda festa que proporcione um ambiente sadio e que, portanto deve esta atenta aos excessos de bebida, jogos de azar, comercialização etc. A crônica de Emir Bemerguy, intitulada “Viva o Arraial”, explica que se cogitou acabar com o Arraial, em vista dos excessos citados acima. No entanto, o autor destaca a importância dessa festividade para a formação de uma identidade

Santarena e defende que os excessos devem ser contidos, ou que busquem outros meios de atração como parques para a distração do público.

A sexualidade e a liberdade sexual é outro tema bastante tratado pela revista ora destacando o aspecto puro e santo da Virgem (REVISTA..., 1975, p. 39), ora abordando a “promiscuidade” das poucas vestes as quais deixam os corpos vulneráveis à lascívia (REVISTA..., 1979, p. 7). Em outra edição, alega-se que a crise sexual da adolescência é fruto direto da “educação” sexual nas escolas, corrompendo os alunos e banalizando o sexo; o mais apropriado, segundo o cronista, seria que os pais em momento oportuno no interior de suas casas esclarecessem seus filhos (REVISTA..., 1984, p. 33). Essas crônicas estão na contramão do que se observa nas noites de arraial, porque são noites de encontro e de namoro, principalmente com a inauguração da Orla da Cidade em 2001, que colaborou com a ampliação do espaço da festa, anteriormente restrito ao Complexo Arquitetônico da Matriz. Esta obra também colaborou com o comércio ilegal, também motivo de preocupação da Igreja. A cada ano, o número de vendedores e barracas irregulares aumenta, ameaçando a lucratividade da Igreja, a qual perde recursos com as concessões de espaços para barraca e consumidores das iguarias e bebidas da Barraca da Santa, pois os produtos custam geralmente mais do que os produtos vendidos nas barracas clandestinas.

As imagens e crônicas publicadas dão destaque às músicas, hinos e canções entoados na procissão e no arraial. Relembra os coretos, onde as bandas tocavam músicas ao vivo. Reproduzem a letra do Hino Oficial, que é tocado exaustivamente durante a festividade. Os megafones e os auto-falantes observados nas edições da década de 1970 e 1980 deram lugar a trios elétricos atualmente. As canções entoadas pelos corais são acompanhadas por coreografias, palmas e danças inspiradas nas reuniões carismáticas.

Além das referências aos cidadãos ilustres da Igreja e da cidade, há rostos anônimos. Nas fotografias apresentadas nas edições analisadas, encontramos rostos mestiços, suados, sofridos, cansados, alegres e entusiasmados. As idades são as mais variadas, os comportamentos são de apreciação, devoção, sacrifício e solidariedade. Promesseiros andam descalços sob um sol escaldante, muitas vezes com ex-votos. Os acessórios de proteção ao calor são mais visíveis a partir da década de 1990: até então os chapéus eram raros, buscavam-se as copas das árvores em busca de sombra. Outros subiam nelas para ter uma visão melhor da Virgem. Verifica-se que não se invoca e

adora somente o que a imagem representa, mas também a adoram com louvores e orações de ação de graça.

Por meio desse acontecimento, podemos observar elementos da identidade local e nacional, tanto materializados quanto simbólicos, como a presença do caboclo, do pagador de promessas, da rezadeira, das beatas, dos pratos regionais, da música regional; e simbólicos como os rios e tapetes humanos, isto é o número elevado de devotos acompanhando as procissões.

A publicação reúne textos, imagens, visões de mundo e imaginários coletivos. Procura reforçar o contrato existente entre a publicação e o público alvo, reforçando e agregando valores. É interessada em construir e manter relações de fidelidade, pois pretende ganhar com a comercialização e com a venda dos espaços publicitários. O tema predominante é a festa e os assuntos ligados a ela. Colabora com a construção da identidade do povo santareno, comete exclusões, denota aspirações, mobiliza uma série de aspectos plurais que nos permite adentrar nesse universo cultural.

A partir das análises realizadas na Revista do Programa da Festa, pode-se considerar que festa de Nossa Senhora da Conceição não é um evento isolado, pois quebra o ritmo regular do cotidiano, promove a sociabilidade e o sentimento de pertencimento e identidade, além de possuir intrínsecas relações com os aspectos políticos, econômicos e sociais. Constitui um momento especial onde é possível captar as paixões, as experiências, as expectativas e as tensões e conflitos do cotidiano. Mas também é um tempo de confraternização e de comunhão.

## Referências Bibliográficas

- ALVES, Isidoro. *O Carnaval Devoto: um estudo sobre a festa de Nazaré em Belém*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. *Festa à brasileira: significados do festejar no país que “não é sério”*. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BEMERGUY, Emir. *Santarenices: coisas de Santarém*. Santarém: ICBS, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Viva o Arraial*. In: PROGRAMA DA FESTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, Santarém, 1979.

- BETTENDORF, João Fellipe. *Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Belém: Fundação Cultural do Pará, 1990. (Série “Lendo- o- Pará”, n. 5).
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Cidade do México: CNCA-Grijalbo, 1990.
- CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. V. 2.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Ramos. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.
- DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p.111-153.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FONSECA, Wilson. *Festa da Conceição e suas origens*. In: PROGRAMA DA FESTA DA CONCEIÇÃO, Santarém, 1980.
- HALL, Stuart: *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JORNAL DE SANTARÉM*, Santarém, 1990.
- \_\_\_\_\_, Santarém, 1991.
- \_\_\_\_\_, Santarém, 1995.
- \_\_\_\_\_, Santarém, 1998
- \_\_\_\_\_, Santarém, 1999
- MARTINS, Ana Luíza. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. *História*, Franca, v. 22, p. 59-79, 2003.
- REVISTA PROGRAMA DA FESTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO*. Belém: Gráfica OFFSET, 1975.
- \_\_\_\_\_. Belém: Gráfica OFFSET, 1979.
- \_\_\_\_\_. Belém: Gráfica Falangola, 1983.
- \_\_\_\_\_. Santarém: Gráfica Tiagão, 1982.
- \_\_\_\_\_. Santarém: Gráfica Tiagão, 1984.
- \_\_\_\_\_. Santarém: Gráfica Tiagão, 1985.
- \_\_\_\_\_. Santarém: Gráfica Tiagão, 1989.
- \_\_\_\_\_. Santarém: Gráfica Tiagão, 1991.
- \_\_\_\_\_. Santarém: Gráfica Tiagão, 1999.
- \_\_\_\_\_. Santarém: Gráfica Tiagão, 2003.
- \_\_\_\_\_. Santarém: Gráfica Tiagão, 2004.
- SANTOS, João. *Festa da Conceição*. In: PROGRAMA DA FESTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, Santarém, 1980.
- SANTOS, Paulo Rodrigues dos. *Tupaiulândia*. Belém, v. 1, 1974.
- SILVEIRA, Diego Omar da. Da boa e má Imprensa: militância católica e cultura política tradicionalista nas páginas d’O Arquidiocesano. *História Agora (online)*, n. 11, p. 137-152, 2011. Disponível em: <http://www.historiagora.com/component/jdownloads/finish/16/43>>. Acesso em: 28 Jul. 2013.

## Notas

---

<sup>1</sup> Edição da Revista do Programa da Festa de 1979.

<sup>2</sup> Trasladação consiste em uma procissão na véspera do Círio que transporta a Santa da Igreja de Nossa Senhora da Conceição para a Igreja de São Sebastião (local de partida do Círio) no dia seguinte. Círio é a grande Procissão que ocorre no último domingo de novembro, com um percurso estimado em 10 km pelas principais ruas da cidade.

<sup>3</sup> Edições da Revista do Programa da Festa de 1979,1983,1984, 1985 e 1989.

<sup>4</sup> Como vimos no caso da reportagem da edição de 1984, com a ata de inauguração da praça do primeiro centenário da elevação de Santarém à Categoria de Cidade, datada de 1948; a narração da fundação de Santarém em 1661 na edição de 1979 (p.11-16; 30-33) e a publicação de 1982 (p. 9) trazem textos sobre a construção de distintos prédios históricos da cidade construídos no século XIX.

<sup>5</sup> Edições de 1975,1979,1982,1983,1984,1985,1989,1991,1999 e 2003.

<sup>6</sup> Verificar edições de 1975, 1982, 1989, 1991, 1999, 2003, 2004.

Artigo recebido em 29/07/2013. Aprovado em 03/12/2013.